



**Priscila Leite Loiola Ribeiro**



Universidade Federal Fluminense (UFF)

[priscila\\_loiola@hotmail.com](mailto:priscila_loiola@hotmail.com)

**Helena Carla Castro**



Universidade Federal Fluminense (UFF)

[hcastrorangel@yahoo.com.br](mailto:hcastrorangel@yahoo.com.br)

**Paula Alvarez Abreu**



Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[abreu\\_pa@yahoo.com.br](mailto:abreu_pa@yahoo.com.br)

# **ESTRATÉGIA DE ENSINO BASEADA NO USO DE TECNOLOGIAS PARA SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DE SURDOS**

## **RESUMO**

A comunicação é uma ferramenta essencial para a assistência em enfermagem, entretanto os surdos enfrentam dificuldades na busca por informações e atendimento em saúde. Este estudo tem como objetivo desenvolver uma estratégia para sensibilização dos discentes do curso de Enfermagem sobre a inclusão de surdos no atendimento em saúde. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, descritiva e observacional, realizada com alunos da Universidade Federal Fluminense, em Niterói na qual os alunos desenvolveram aplicativos para auxiliar no atendimento dos surdos. A estratégia foi analisada por meio da aplicação de um questionário com perguntas sobre a percepção dos alunos em relação à cultura surda, inclusão e a opinião deles após a atividade. Cinquenta e três alunos participaram da atividade e desenvolveram 14 aplicativos. Dentre estes, 42 alunos responderam um questionário ao final e mostraram opinião positiva sobre a estratégia. Este estudo evidenciou que a maioria dos alunos não sabe Libras e não se sente preparado para assistir um paciente surdo em sua futura atuação profissional. Em contrapartida, observou-se a relevância da estratégia na mudança da percepção, levando os estudantes a se sentirem sensibilizados e motivados para a busca pela capacitação necessária para inclusão deste público no atendimento em saúde.

**Palavras-chave:** Surdez. Inclusão. Sensibilização.

## **TEACHING STRATEGY BASED ON THE USE OF TECHNOLOGIES FOR AWARENESS ON THE INCLUSION OF THE DEAF**

### **ABSTRACT**

Communication is an essential tool for nursing care, however, deaf people face difficulties in seeking information and health care. This study aims to develop a strategy to raise awareness among nursing students about the inclusion of deaf people in health care. It is a qualitative-quantitative, descriptive and observational research, carried out with students from the Federal Fluminense University, in Niterói, in which students developed applications to assist in the care of the deaf. The strategy was analyzed through the application of a questionnaire with questions about the students' perception of deaf culture, inclusion and their opinion after the activity. Fifty-three students participated in the activity and developed 14 applications. Among these, 42 students answered a questionnaire at the end and showed a positive opinion about the strategy. This study demonstrated that most students do not know Libras and do not feel prepared to assist a deaf patient in their future professional practice. On the other hand, the relevance of the strategy in changing perception was observed, leading students to feel sensitized and motivated to search for the necessary training to include this public in health care.

**Keywords:** Deafness. Inclusion. Awareness.

**Submetido em:** 02/04/2020

**Aceito em:** 27/06/2020

**Publicado em:** 18/08/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n28p178-198>



## I INTRODUÇÃO

O artigo 196 da Constituição Federal brasileira prevê que a “saúde é um direito de todos” que deve ser garantido pelo Estado, e, com a criação do Sistema único de Saúde (SUS), esse acesso deve-se dar respeitando os princípios da universalidade, integralidade e equidade (BRASIL, 1990). Entretanto, para que esse direito seja assegurado amplamente para a comunidade surda, é necessário reconhecer as necessidades e dificuldades que os surdos enfrentam no acesso à saúde, e, a partir disso, reduzir as barreiras na comunicação e assistência em saúde para esta população. (NEVES *et al.*, 2016).

Estudos revelam que a maior dificuldade encontrada pelos surdos no acesso aos serviços de saúde relaciona-se à barreira imposta na comunicação, devido à falta de domínio de Libras pelo profissional de enfermagem, gerando nos pacientes surdos um sentimento de frustração e dependência de terceiros para intermediar este processo, o que compromete os seus direitos enquanto cidadãos e os tornam agentes passivos nos cuidados em saúde. Quando se pensa em comunicação entre o profissional de saúde e o paciente surdo, é preciso lembrar que isso envolve não apenas o fato de não conseguir se comunicar, mas, processos importantes para a manutenção da saúde do surdo que dependem da comunicação, como esclarecimentos sobre sua saúde ou doença, informações sobre o cuidado e até mesmo orientações sobre uso adequado de medicamentos (NEVES *et al.*, 2016; Silva *et al.*, (2014).

A introdução e os avanços tecnológicos têm sido um importante aliado no âmbito da educação, (RAMOS, 2013), e as tecnologias assistivas apresentam um grande potencial para a efetivação de uma educação mais inclusiva (MACIEL, 2012). Alguns softwares têm sido difundidos nas mídias sociais (com versões disponíveis para *smartphones*), sendo utilizados na tradução de português para Libras. Essas ferramentas visam proporcionar a acessibilidade, viabilizando ou facilitando a comunicação entre os surdos e ouvintes, com diversas possibilidades de aplicação no dia a dia. O Hand Talk, por exemplo, foi eleito pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o melhor aplicativo do mundo em 2012. (ALMEIDA *et al.*, 2016).

As dificuldades enfrentadas pelos surdos na comunicação representam um importante fator para a redução da qualidade de vida e expõem essas pessoas ao risco de doenças mentais como a ansiedade e a depressão. Estas doenças são mais prevalentes nas pessoas surdas do que ouvintes pelo fato de a pessoa surda ter dificuldades em estabelecer relações sociais, levando a um estado de isolamento social. (CHAVEIRO *et al.*, 2014).

As estratégias de sensibilização são importantes ferramentas para fazer com que os discentes de enfermagem reflitam sobre as barreiras encontradas pelos surdos no acesso aos serviços de saúde, e compreendam o seu papel no futuro, como profissionais de saúde no atendimento de pacientes surdos. Estudos já realizados com discentes de enfermagem, por meio de programas de extensão e palestras,

esclarecendo as barreiras e dificuldades encontradas pelos surdos surtiram efeito positivo na sensibilização de futuros profissionais que não haviam parado para analisar essas questões anteriormente (SANCHES et al., 2019). Por isso, a importância de abordar precocemente com futuros enfermeiros sobre os aspectos relacionados à inclusão dos surdos (LIMA, 2019). Dentro desse contexto, é importante que se pense na formação desses futuros profissionais, tendo em vista um olhar transdisciplinar.

Cada vez mais se torna importante a construção de contextos educacionais no século XXI que estimulem e encorajem aspectos como a autonomia, o uso da criatividade, a prática da solidariedade, a colaboração, inovação, interação e a cultura *maker*. O contexto sociocultural atual exige que novas práticas educacionais sejam traçadas e novas metodologias precisam ser exploradas para que o educando consiga acompanhar o mundo contemporâneo na era digital. A quarta revolução industrial trouxe impactos sobre a nova forma de se fazer a educação do século XXI, que se reflete na maneira de pensar, de se relacionar e nas ações dos seres humanos (Führ, 2018). Dessa forma, este estudo visa desenvolver e avaliar uma estratégia de ensino para sensibilização dos alunos de enfermagem sobre as dificuldades enfrentadas pelos surdos, no atendimento em saúde e a importância da inclusão. Espera-se que com esta estratégia os alunos possam explorar os recursos tecnológicos de modo a apoiá-los na resolução de problemas que podem ocorrer em sua vida profissional.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, observacional, de natureza quali-quantitativa, realizado no segundo semestre do ano de 2018, com alunos da graduação em enfermagem. Neste trabalho, uma estratégia de ensino foi planejada e desenvolvida para provocar uma reflexão crítica nos alunos sobre as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos surdos, na busca por atendimento em saúde, e, com isso, sensibilizar sobre a inclusão ainda durante o período da graduação. A estratégia de ensino se baseou na proposta de criação de um aplicativo para auxiliar no atendimento em saúde de um surdo.

O trabalho transcorreu durante as aulas da disciplina de Bioquímica, que faz parte da grade curricular do curso de graduação em enfermagem da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, pertencente à Universidade Federal Fluminense e localizada no município de Niterói. Os alunos participaram do estudo de forma livre e voluntária e, ao final, responderam um questionário referente à estratégia de desenvolvimento do aplicativo. Todos os alunos foram orientados sobre a participação voluntária, bem como esclarecidos de que os dados coletados seriam utilizados apenas para fins desta pesquisa, preservando o sigilo e anonimato e estes autorizaram a participação por escrito. O desenvolvimento das atividades compreendeu os períodos de setembro a dezembro de 2018.

Nesta estratégia, foi solicitado aos alunos que criassem um aplicativo para auxiliar no atendimento em saúde do surdo, usando um software de acesso livre e gratuito, denominado Fábrica de Aplicativos®, que está disponível em <https://fabricadeaplicativos.com.br/> e também possui uma versão adaptada para *smartphones* com sistema operacional Andróide. Este software permite o manuseio por pessoas leigas, não exigindo do usuário conhecimento ou domínio de funções mais complexas em programação. A escolha desta estratégia levou em consideração o uso diário das tecnologias pelos jovens.

O aplicativo oferece a possibilidade de criar um layout personalizado, adicionando ícones conforme o objetivo do usuário. Para iniciar a criação do aplicativo, é necessário apenas fazer um cadastro na plataforma e o software permite que o usuário compartilhe o seu aplicativo com outros *smartphones*.

Inicialmente, foi solicitado aos alunos que escolhessem 10 frases que eles julgassem importantes para serem utilizadas no primeiro contato com os pacientes surdos em uma unidade de saúde. As frases foram pensadas para uma possível consulta de enfermagem para serem usadas durante a anamnese de pacientes. A partir daí, os alunos escolheram entre 10 a 20 sinais e sintomas relacionados à saúde, pesquisaram os sinais em Libras referentes a estas palavras, posteriormente realizaram a filmagem deles mesmos sinalizando em Libras as terminologias escolhidas para incluir no aplicativo em questão, construindo assim um aplicativo que pudesse auxiliar no atendimento de enfermagem à comunidade surda.

Para a construção do aplicativo, os alunos utilizaram como apoio outro recurso tecnológico que foi o tradutor de português para Libras, chamado Hand Talk®, viabilizando o aprendizado dos sinais escolhidos por eles. O Hand Talk é um aplicativo de acesso gratuito, disponível para uso em *smartphones* e foi um recurso utilizado para atender a necessidade dos alunos nesta atividade. Entretanto, cabe destacar que ele não substitui a presença de intérpretes em outros contextos ou o aprendizado da língua de sinais. Para obter as traduções no aplicativo, basta apenas que o usuário escreva no campo apropriado uma frase ou uma palavra de seu interesse, que em seguida o avatar faz as sinalizações das frases ou das palavras ainda com a possibilidade de controle da velocidade em que o avatar realiza as traduções.

Foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas aos alunos de enfermagem para avaliar a percepção deles sobre a cultura surda, as dificuldades enfrentadas pelos surdos na obtenção de informações e no atendimento nos serviços de saúde, o conhecimento de Libras, a visão dos alunos sobre as dificuldades encontradas pelo profissional de enfermagem no atendimento de surdos, bem como a avaliação da eficácia e opinião sobre a estratégia de sensibilização. Os dados obtidos por meio dos questionários foram analisados no programa Excel usando a estatística descritiva.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Estratégia de sensibilização em relação à inclusão de surdos

Esta estratégia de sensibilização dos alunos de enfermagem por meio do uso de tecnologias resultou na criação de 14 aplicativos. Ao todo, participaram da atividade 53 alunos. A estratégia foi pensada de modo a fazer com que os alunos usassem o tradutor português-libras e tivessem contato com a língua de sinais para despertar a atenção sobre as dificuldades enfrentadas pelos surdos e interesse pela questão da inclusão. Faz-se necessário salientar que o objetivo do desenvolvimento da estratégia não foi proporcionar o aprendizado de Libras, entretanto, uma hipótese inicial era que indiretamente, no decorrer da realização das estratégias, poderia ocorrer a sensibilização dos alunos a ponto de motivá-los a aprender a língua, posteriormente. Apesar de a estratégia ter sido planejada para os alunos de enfermagem, poderia ser usada para sensibilização de outros alunos da área de saúde.

A anamnese de enfermagem é uma importante fase de atendimento aos pacientes, pois, é uma etapa em que o profissional extrai o máximo de informações importantes sobre a saúde ou doenças do paciente para traçar as ações. O enfermeiro é geralmente o profissional que presta o primeiro atendimento às pessoas, e é relevante que este seja qualificado para prestar a assistência a estes pacientes também. (ALVES, 2015).

Em relação às frases mais escolhidas pelos alunos para anamnese, destacaram-se aquelas com objetivo de coletar informações sobre possíveis doenças crônicas, possíveis alergias a medicamentos, localização da dor, se o paciente utilizava algum medicamento continuamente, se tinha febre, se tinha histórico familiar de doenças, perguntas em relação à qualidade e à regularidade da alimentação dos pacientes e dados pessoais como nome, idade entre outros. Muitas das frases escolhidas pelos alunos, em especial as que foram mais mencionadas, de fato são recorrentemente utilizadas no atendimento de rotina do enfermeiro durante a anamnese.

Para análise das terminologias usadas pelos alunos, utilizou-se a metodologia da nuvem de palavras, construída no programa Wordart e disponível em <https://wordart.com>. Esta ferramenta possibilita realizar um levantamento e identificar os termos ou palavras que mais se repetem em um texto (CRUZ *et al.*, 2019). Observou-se que algumas palavras foram citadas mais vezes pelos diferentes grupos, tais como: dor (mencionada 19 vezes), e na sequência febre, pressão, diabetes, alta, medicamento, vômito, infarto, alergia, hipertensão, cirurgia, e por fim, doença, gripe e remédio mencionadas 3 vezes e as demais citadas apenas uma ou duas vezes (figura 1).



Após a finalização e apresentação dos aplicativos pelos alunos, foi possível notar alguns erros cometidos pelos alunos, no processo de tradução das palavras do português para Libras, o que foi natural, pois, tiveram algumas dificuldades com esta etapa que refletiu na falta de adequação correta da configuração das mãos e sinalizações desatualizadas (influenciadas pelo que aprenderam através do Hand Talk), por exemplo.

Apesar dos erros cometidos pelos alunos na tradução de Libras, ressalta-se que a proposta da atividade não girou em torno de uma perfeição nas realizações das traduções, já que uma das hipóteses iniciais estava embasada na possível falta de domínio da Língua Brasileira de Sinais pelos alunos de enfermagem e os erros cometidos vieram do próprio uso do tradutor que, apesar de auxiliar na comunicação, por vezes apresenta problemas e existe ainda a falta de sinais para algumas palavras, principalmente termos científicos ou não usuais no dia a dia. Também não foi proposta deste trabalho testar os recursos didáticos produzidos nas estratégias com o público surdo, devido ao curto tempo da atividade e à pouca experiência dos alunos na produção de materiais inclusivos também. Mais do que propor recursos para a inclusão dos surdos, a ideia neste trabalho foi sensibilizar os alunos da área de enfermagem sobre a importância da inclusão e vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem ao atender um surdo, além de pensar em soluções e ter contato com tradutores de LIBRAS gratuitos que podem ser úteis na sua profissão.

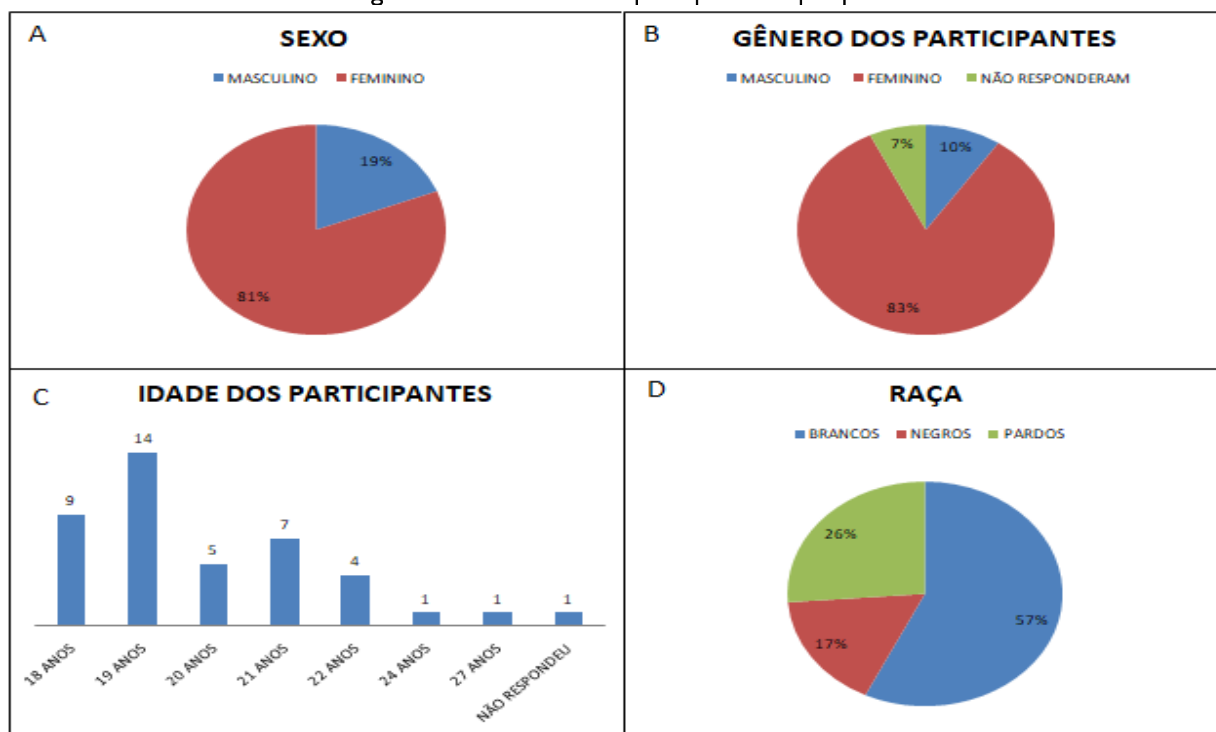
Pesquisas revelam o aumento da utilização das tecnologias e aplicativos móveis que têm se tornado uma nova modalidade para a assistência em saúde (BONOS *et al.*, 2015 Apud BARRA *et.*, 2017). As instituições precisam adaptar-se às mudanças que vêm acontecendo no mundo contemporâneo, e, segundo Führ (2018), é necessário propor um currículo flexível que favoreça os alunos a tornarem-se protagonistas e comprometidos com a construção de uma sociedade humana mais justa e igualitária. Além do aplicativo tradutor Hand Talk, existem outros como: VLibras, que é uma ferramenta computacional gratuita que foi desenvolvida pelo Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP), ProDeaf e o Rybená. Um estudo realizado sobre esses quatro aplicativos tradutores evidenciou a ausência de sinais de termos em saúde e divergências nas traduções (devido ao fator “regionalismo”) e também de terminologias em saúde, que ao serem traduzidas geram conceitos desconexos que podem atrapalhar uma pessoa surda e dificultar o seu entendimento e conceituação em determinados assuntos em saúde que são tão importantes para a prática da promoção e manutenção da saúde. (BARBOZA, 2019). A comunidade surda ainda é muito prejudicada pela limitação das informações sobre saúde, principalmente, pela falta de sinais na área de Biociências que ajudem na compreensão de conceitos ligados à saúde (COSTA *et at.*, 2018).

### 3.2 Análise do perfil dos participantes e opinião sobre a estratégia

Após a realização da estratégia, 42 alunos responderam um questionário envolvendo perguntas abertas e fechadas para averiguar se a estratégia de fato atingiu com o objetivo proposto - sensibilizar os alunos de enfermagem com relação à inclusão dos surdos no atendimento em saúde.

Dentre os alunos, 29 (69%) estavam no segundo período da graduação em enfermagem e 13 (31%) no primeiro período. Em relação ao perfil dos participantes, 34 (81%) eram do sexo feminino e 8 (19%) do sexo masculino (figura 2A), 35 eram do gênero feminino (83%), 4 do gênero masculino (10%) e 3 não responderam (7%) (figura 2B). A idade dos participantes variou de 18 a 27 anos (com média de idade de 20 anos), sendo que uma pessoa se absteve da resposta, (figura 2C). Em relação à raça, 24 alunos (57%) declararam-se como sendo brancos, 11 alunos (26%) como pardos e 7 alunos (17%) negros (figura 2D).

Figura 2 – Perfil dos alunos participantes da pesquisa



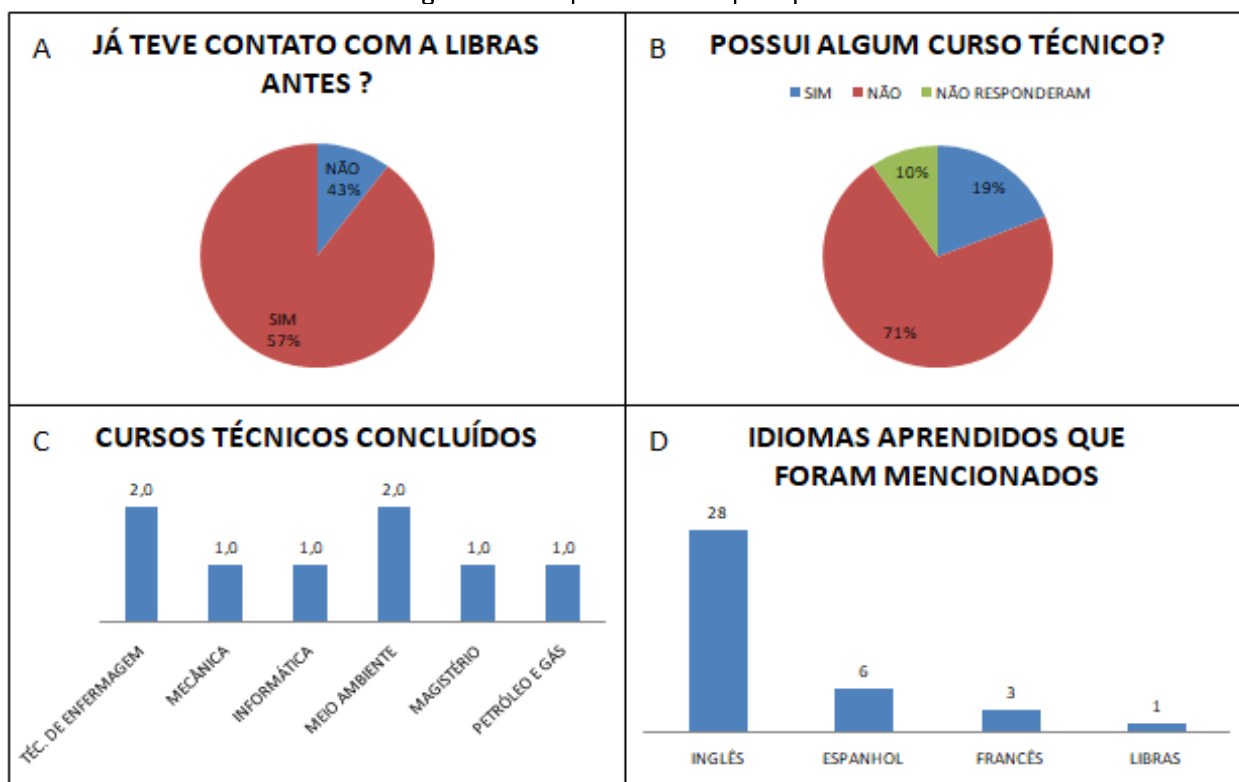
Fonte: elaborada pelas autoras.

Vinte e quatro alunos (57%) já haviam tido contato com Libras antes de participar da pesquisa e 18 alunos (43%) informaram que ainda não haviam tido essa experiência (figura 3A). Com relação à formação profissional dos alunos, ficou evidenciado que apenas 8 (19%) deles já possuíam algum curso técnico profissionalizante, 30 (71%) alunos não possuíam nenhum tipo de curso técnico e 4 (10%) não responderam (figura 3B). Dois alunos concluíram o curso técnico de enfermagem, dois cursaram meio ambiente, um aluno cursou mecânica, um aluno cursou informática, um aluno cursou magistério e um



aluno cursou petróleo e gás (figura 3C). Com relação às línguas aprendidas, observou-se que o inglês foi a mais citada (28 vezes), o idioma espanhol foi citado 6 vezes, francês 3 vezes e a Libras apenas uma vez (figura 3D).

Figura 2 – Perfil profissional dos participantes

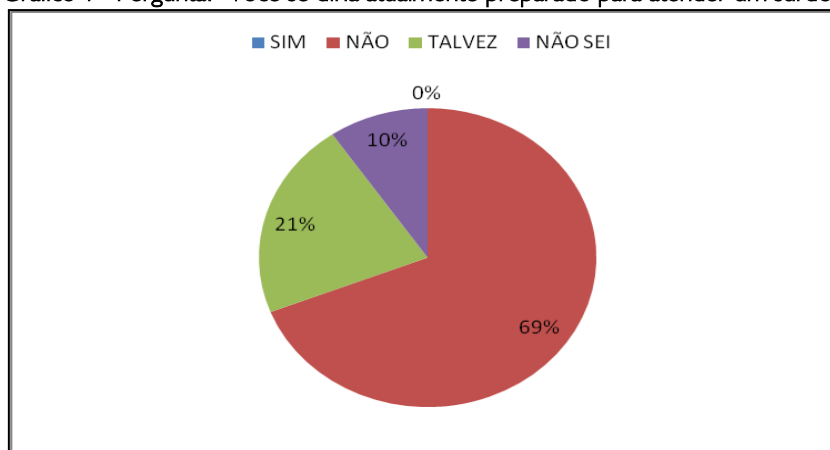


Fonte: elaborada pelas autoras.

Quando perguntado se conheciam a Língua Brasileira de Sinais, 38 alunos (91%) responderam que sim, porém, não sabem sinalizar; 1 aluno (2%) respondeu que conhece e sabe sinalizar e 3 alunos (7%) responderam que não conheciam a língua. Pelas respostas obtidas nessa questão, foi possível notar que apesar da Libras ser reconhecida como língua oficial da comunidade surda brasileira e passar a integrar o currículo de cursos superiores, não é dominada pela grande maioria dos alunos, o que acarreta em futuros enfermeiros que entrarão no mercado de trabalho despreparados para assistirem os pacientes surdos. Estudos revelam que há ausência do domínio de Libras por grande parte dos ouvintes, e os que têm fluência na língua são profissionais intérpretes de Libras, professores de Libras ou indivíduos que possuem amigos e parentes surdos (MESQUITA; FERREIRA, 2013).

Quando perguntado se eles julgavam-se preparados para atender um surdo atualmente, não houve nenhum aluno que se julgasse preparado, 29 alunos (69%) afirmaram que não estão preparados atualmente para atender um paciente surdo, 9 alunos (21%) responderam que talvez conseguiriam e 4 alunos (10%) não souberam responder (gráfico 1).

Gráfico I – Pergunta: “Você se diria atualmente preparado para atender um surdo?”



Fonte: elaborada pelas autoras.

Atualmente o ensino de Libras é obrigatório nos cursos de licenciatura, porém, não em cursos de saúde como no caso da enfermagem (FERNANDES; FREITAS-REIS, 2017; MESQUITA; FERREIRA, 2013). Os alunos entrevistados demonstraram insegurança em relação a um possível atendimento em saúde, ao surdo, pela falta de domínio em Libras, isso pode ser comprovado nas seguintes falas: “Não tenho conhecimento de Libras para tal”; “Não me sinto capacitada, visto que não tenho conhecimento”; “Ainda que eu tenha noção de alguns sinais, não sou capaz de me comunicar de forma eficiente”.

Algumas estratégias pontuadas pelos alunos como meio de tentar driblar a barreira linguística são utilizadas com frequência pelos profissionais de saúde, no entanto, não são medidas adequadas. A leitura labial, por exemplo, não é fácil e requer um grande esforço para adivinhar fonemas que são reproduzidos com movimentos labiais similares e mesmo sendo praticado por pessoas altamente habilidosas, só é possível ter uma compreensão de 30% a 40% da mensagem. Além disso, alguns surdos poderiam fazer a leitura labial, mas provavelmente não saberiam falar, a menos que fossem oralizados, o que iria de todo modo comprometer a comunicação (MIRANDA *et al.*, 2014). A proposta da educação bilíngue não obriga mais o surdo a aprender a língua oral, mas a escrita da língua portuguesa, sendo a oralidade opcional aos surdos atualmente (NUNES, 2013).

A mímica é outra forma que os profissionais (inclusive enfermeiros) utilizam para compensar a falta de conhecimento de Libras, também inadequada e pouco eficaz. Algumas raras unidades de saúde dispõem de um profissional intérprete de Libras, que possa atuar e auxiliar o profissional e o surdo durante o atendimento em saúde, porém, ainda assim, não seria a forma mais adequada, principalmente, porque uma pessoa surda pode, em algumas ocasiões, levar informações sigilosas ao profissional e a presença do intérprete pode constranger essa pessoa ou até mesmo inibi-la de expor ao profissional tudo o que for necessário e importante. Ter um familiar também como um “intérprete”, torna-se algo falho e arriscado, porque mesmo que o familiar saiba Libras, ele pode não ter o domínio de um vocabulário e conceitos da área da saúde e isso pode afetar a qualidade das informações (MIRANDA *et al.*, 2014).

Esses fatores reforçam a importância de trabalhar a sensibilização não só dos profissionais de enfermagem que já estão inseridos no mercado de trabalho, mas também daqueles ainda no período de formação acadêmica, a fim de estimulá-los a buscarem a capacitação necessária para que consigam atender de maneira integral os pacientes surdos. Pesquisas têm demonstrado a importância de trabalhar a sensibilização de discentes com relação ao desenvolvimento do seu papel no atendimento aos surdos, a importância do uso da língua de sinais dentro da sua atuação, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva (SANCHES *et al.*, 2019).

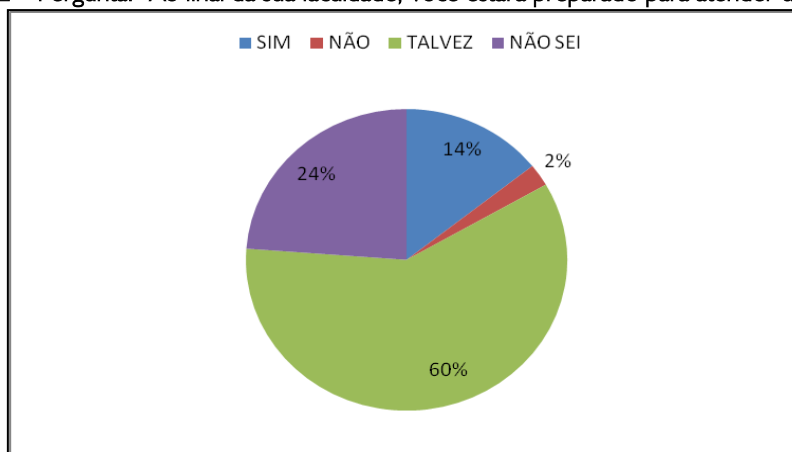
Em uma questão, foi solicitado aos alunos que dessem exemplos de uma situação em que o enfermeiro teria dificuldades de atender o paciente surdo. Nesta questão pode-se concluir que 50% dos entrevistados mencionaram situações como atendimentos de emergência e a impossibilidade dos surdos de comunicarem sobre possíveis alergias a medicamentos, caracterizando risco à saúde e à vida desse paciente.

Quando perguntado sobre a existência de dificuldades no atendimento em saúde ao surdo, 100% dos participantes responderam que realmente existem essas dificuldades. De fato, uma das maiores dificuldades encontradas pelos surdos durante um atendimento em saúde está ligada à barreira linguística, visto que precisam fazer um grande esforço para serem compreendidos, gerando uma exclusão pelo fato de nem sempre conseguirem. A falta de intérpretes nas diversas instituições de saúde também se caracteriza como uma barreira para a comunidade surda (MIRANDA *et al.*, 2014). Alguns alunos exemplificaram isso através de suas respostas: “os profissionais da saúde não recebem o preparo correto ainda na academia, e, também por falta de interesse por parte de alguns”; “Se o profissional não souber Libras, poderá ministrar remédio e/ou diagnóstico errado”.

As falas dos alunos supracitadas foram relevantes, pois, além deles relatarem sobre a falta de preparo dos profissionais de saúde no atendimento aos pacientes com surdez, foram capazes de refletir, levando em consideração os riscos a que esses pacientes surdos poderão estar expostos, devido a uma falha na comunicação, que é um instrumento fundamental para assistência em saúde.

Quando indagados se após sua formação acadêmica estariam aptos a atender pacientes surdos, 25 alunos (60%) responderam que talvez consigam atender um paciente surdo, 10 alunos (24%) responderam que não sabem se estarão aptos, 6 alunos (14%) responderam que estarão aptos a atender uma pessoa surda e 1 aluno (2%) alegou que não sabe se vai estar apto para atender estes pacientes (gráfico 2).

Gráfico 2 – Pergunta: “Ao final da sua faculdade, você estará preparado para atender um surdo?”



Fonte: elaborada pelas autoras.

É um grande desafio para as instituições de ensino superior formar indivíduos com atitudes e práticas que sejam voltadas para a valorização da diversidade humana (GLAT e PLETSCHE, 2010). Dos alunos que responderam “sim”, um não justificou e os outros cinco esclareceram que estarão aptos porque vão se dedicar e tentar estudar Libras, como demonstrado nas seguintes falas: “sim, porque eu pretendo fazer um curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras)”; “pretendo cursar o curso de Libras”; “se eu buscar aprender a língua de sinais”; “vou aperfeiçoar minha fluência na língua, com disciplinas e/ou cursos voltados para a área da saúde”.

Ao refletir sobre o que seria cultura, questões sobre práticas simbólicas de um determinado grupo são levadas em consideração, como a língua, a arte, a religião, o modo de agir e de pensar, modo de se vestir, etc. No que diz respeito ao surdo, “cultura” é entendida como uma referência à sua língua materna (de sinais), estratégias e mecanismos que os surdos utilizam para interagir com o mundo (SANTANA e BERGAMO, 2005).

Dentre os 42 alunos participantes da pesquisa, 38 (90%) não souberam conceituar a cultura surda, e apenas 4 (10%) afirmaram saber o que é “cultura surda”. Esses alunos responderam que: “é o jeito do indivíduo surdo entender o mundo e se expressar”; “é tudo que envolve a vivência do surdo”; “é uma cultura característica da comunidade surda, com direitos”. É importante que o profissional da área da saúde tenha o conhecimento sobre a cultura surda e a língua utilizada pela comunidade surda, de maneira que favoreça a integração e reduza quaisquer desconfortos entre o profissional e o paciente surdo (MIRANDA *et al.*, 2014).

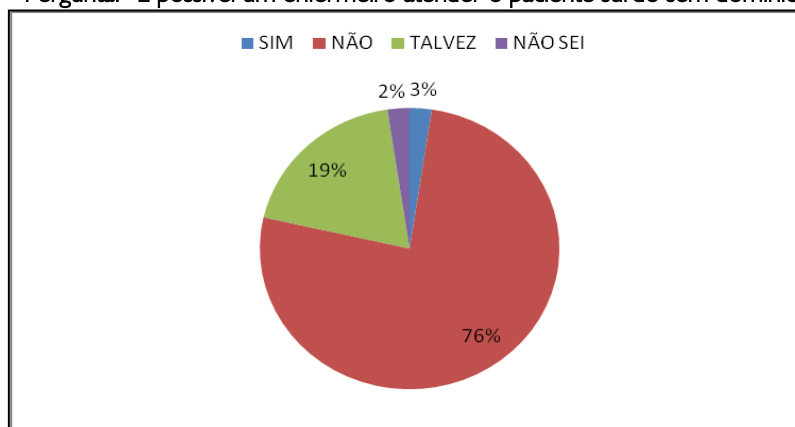
Em relação à acessibilidade, 100% dos entrevistados responderam que é importante oferecer acessibilidade em diversas instituições, e quando perguntados sobre a importância de oferecer acessibilidade aos pacientes surdos nas instituições de saúde, 38 alunos (90%) consideraram importante haver acessibilidade para as pessoas surdas nos serviços de saúde; 4 alunos responderam “não sei” para esta questão. Os serviços de saúde devem ser pensados ou planejados de forma que possibilite o acesso

a todos os tipos de pacientes, inclusive aqueles com deficiências e pessoas surdas, garantindo uma assistência em saúde eficiente e satisfatória. O termo “acessibilidade” pressupõe que as pessoas consigam chegar aos serviços de saúde, já “acesso” diz respeito ao uso oportuno destes serviços (NEVES *et al.*, 2016).

Em se tratando da terminologia “acessibilidade”, observou-se que todos os 42 alunos conseguiram definir de forma correta a palavra. Um aluno respondeu que significa “abranger o maior público possível de maneira inclusiva”; outro disse que “é tornar possível o acesso de todos a uma determinada coisa”; outro aluno afirmou que “é dar oportunidade às várias pessoas e sua condição especial, seja qual for, de usufruir do ambiente” e um aluno disse que é “garantir diferentes condições de acesso para pessoas com diferentes necessidades, para que todos gozem dos mesmos direitos”.

Os alunos foram indagados sobre a possibilidade de um enfermeiro atender um paciente surdo sem o domínio de Libras. 32 alunos (76%) responderam que não é possível o enfermeiro atender um surdo sem domínio da Língua de Sinais; 8 alunos (19%) responderam que talvez seja possível; 3% responderam que sim e 2% não soube responder (gráfico 3).

Gráfico 3 – Pergunta: “É possível um enfermeiro atender o paciente surdo sem domínio de Libras?”



Fonte: elaborada pelas autoras.

Foi observado que 38 alunos (90%) ressaltaram que é impossível o profissional de saúde estabelecer uma comunicação eficaz com pacientes surdos por meio de mímicas, porém, 4 (10%) desses alunos responderam que não sabem se isso seria possível ou não, remetendo a uma dúvida relevante que perpassa pela mente de alguns desses futuros profissionais de saúde. Os profissionais da área da saúde deveriam compreender as necessidades da comunidade surda, para evitar compreensões erradas por parte dos usuários surdos, em relação ao seu próprio cuidado ou como utilizar corretamente determinadas medicações, inibindo qualquer ação ou atitude que possa pôr em risco a saúde e a vida dos surdos. Um bloqueio de comunicação entre o profissional de saúde e o surdo pode afetar totalmente a assistência prestada, pois, se por um lado o sujeito surdo não consegue se expressar e transmitir suas demandas corretamente, por outro um profissional que não domina Libras não será capaz de compreender o que o

paciente precisa transmitir e não conseguirá orientar e nem prestar a assistência em saúde necessária (NEVES *et al.*, 2016).

Os alunos foram investigados sobre o que achavam que deveria ser oferecido na formação do enfermeiro para aumentar a acessibilidade aos surdos. 41 alunos (98%) responderam de maneira quase que unânime que deveria ser oferecido o curso de Libras de maneira obrigatória ou alguma outra modalidade de Libras que desse ao discente uma base, ou capacitação para atender a demanda de pacientes surdos e 1 aluno (2%) não soube responder a essa questão.

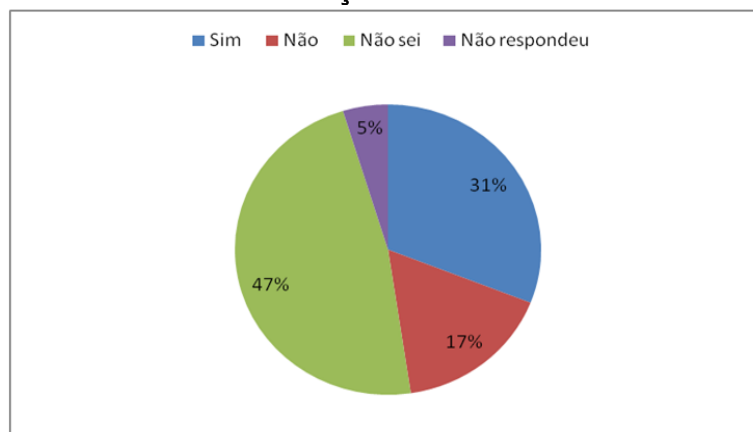
Os alunos tiveram a oportunidade de avaliar a importância da disciplina de Libras durante a sua formação profissional, para isso, foi solicitado que eles atribuíssem o valor que achassem adequado em uma escala de nota de 0 (quando considerada pouco necessária/optativa) a 10 (quando considerada essencial/obrigatória), resultando em uma média de nota dos participantes igual a 9,7, tendo sido a maior nota atribuída igual a 10 e menor nota atribuída igual a 7, o que induz à conclusão de que os alunos valorizam a respectiva disciplina e reconhecem a importância de ser oferecida até de forma obrigatória na grade curricular do curso de enfermagem. O ideal seria a Libras ser ensinada para os ouvintes ainda nos níveis de formação elementares, como é ensinado o inglês, por exemplo, dando um maior destaque pelo seu caráter inclusivo e por ser uma segunda língua oficial (MIRAILH, 2018).

Apesar de não ser a forma adequada de comunicação, estudos revelam que a mímica e a leitura labial têm sido utilizadas por profissionais de saúde durante a assistência, como maneira de tentar compensar a falta de domínio em Libras, porém, essa estratégia gera um sentimento de frustração, impotência e impaciência por parte dos profissionais por não lograrem êxito (MIRANDA *et al.*, 2014).

Foi perguntado aos alunos de enfermagem se todo surdo tem a habilidade de ler fluentemente e compreender a língua portuguesa. 35 alunos (83%) responderam que não; 6 (14%) não souberam responder e 1 (3%) respondeu que todo surdo é capaz de ler fluentemente a língua portuguesa. O aprendizado da língua portuguesa escrita não é tão simples para as pessoas surdas, pois, exige dos surdos um grande esforço cognitivo e, ao mesmo tempo um caminho metodológico eficaz através do ensino pelo professor e por isso existe um grande número de surdos que não domina a leitura ou a escrita da língua portuguesa (RODRIGUES, 2018).

Foi perguntado aos alunos também se eles achavam que os surdos poderiam fazer alguma coisa para facilitar a sua própria acessibilidade em instituições de saúde. Como resposta 13 alunos (31%) afirmaram que o surdo pode sim fazer alguma coisa; 7 alunos (17%) afirmaram que isso não é possível; 20 alunos (47%) responderam não saber se é possível e 2 alunos (5%) não responderam (gráfico 4).

Gráfico 4 – Pergunta: “Você acha que os surdos podem fazer alguma coisa para facilitar sua própria acessibilidade em instituições de saúde?”



Fonte: elaborada pelas autoras.

Nesse caso, os alunos que responderam “sim”, justificaram que os surdos podem fazer alguma coisa no sentido de lutar pelos seus direitos no acesso à saúde como observado nas seguintes falas: “eles podem cobrar pelos seus direitos”; “acho que recorrerem à ouvidoria para expressar suas necessidades ajudaria em alguma comoção maior”; “continuar a lutar por seus direitos, que são previstos nas legislações existentes para o próprio surdo”.

Os alunos que responderam “não”, justificaram que o surdo não pode fazer nada em seu favor, pois, é obrigação das instituições de saúde oferecer acessibilidade aos surdos e que os profissionais de saúde precisam capacitar-se para tal atendimento. Isso pode ser observado nas seguintes falas: “é papel dos profissionais se qualificarem para promoverem um atendimento universal”; “a qualificação tem que vim dos profissionais de saúde”; “o dever de dar essa acessibilidade é da instituição”.

A partir dos resultados do questionário foi observado que 38 alunos (90%) nunca tinham utilizado qualquer tipo de aplicativo acessível em Libras, antes da realização da atividade, e apenas 4 alunos (10%) responderam que já haviam utilizado algum aplicativo nesse sentido. Isso revela que, apesar de as tecnologias estarem presentes no dia a dia desses jovens, quando se trata de aplicativos relativos à inclusão da comunidade surda na sociedade, parece que há pouca exploração dessas tecnologias assistivas, que poderiam ser empregadas para contribuir com maior alcance na acessibilidade dos surdos. Foi observado também que para essa atividade 50% dos alunos relataram que tiveram dificuldades para desenvolver o aplicativo, enquanto os outros 50% alegaram não ter apresentado dificuldades na elaboração do aplicativo em si. A maior dificuldade relatada pelos alunos no desenvolvimento da atividade foi relacionada à falta de domínio da língua de sinais, o que já era esperado, visto que 38 alunos (90%) haviam afirmado conhecer a língua de sinais e não saber sinalizar. Isso pode ser observado nas seguintes falas sobre as principais dificuldades: “reproduzir os sinais, pois, era uma coisa nova para os membros do grupo”; “devido à falta de conhecimento, acabamos fazendo sinais desatualizados”; “conseguir sinalizar de maneira adequada, pois, foram necessárias diversas tentativas para que ficasse o mais parecido possível”; “na parte de tradução

dos sinais e frases para Libras”; “a parte (no meu caso) da tradução das Libras foi difícil, porém, produtivo e encantador”.

Apesar das dificuldades apresentadas com as atividades, 100% dos alunos afirmaram que é muito importante a criação de aplicativos que sejam capazes de promover a acessibilidade para a comunidade surda nos diversos serviços de saúde. Com a introdução e popularização dos *smartphones*, surgiram vários programas e aplicativos que auxiliam as pessoas surdas em sua comunicação, alguns emitem voz ao usuário através de comandos verbais escritos e até mesmo no reconhecimento dos sinais. Países como os Estados Unidos e a Espanha já disponibilizam, em ambientes de saúde hospitalares, recursos como programas e aplicativos que são capazes de facilitar a comunicação entre os profissionais de saúde e os pacientes surdos (MIRANDA *et al.*, 2014). É importante haver iniciativas como essas nos serviços de saúde, pois, isso denota um olhar inclusivo por parte dos gestores em saúde voltado ao atendimento dos surdos, na tentativa de viabilizar o mínimo que seja de comunicação.

Segundo os relatos dos alunos, antes da realização do aplicativo, 22 alunos (52%) revelaram que já haviam refletido sobre as barreiras encontradas pelos surdos nos serviços de atendimento em saúde; 19 (45%) não tinham parado para analisar essa situação e 1 (3%) não respondeu.

A realidade do Sistema Único de Saúde (SUS) ainda está longe de ter seus princípios de universalidade, igualdade e integralidade contemplados pela comunidade surda, pois, ainda há muitas barreiras que tornam os profissionais de saúde inacessíveis para este público, principalmente pela falta de capacitação dos profissionais. Nesse sentido, quando os profissionais se deparam com usuários surdos, devem adotar estratégias que superem as barreiras na comunicação, de modo que promova a interação com os pacientes (NEVES *et al.*, 2016). Outro dado importante obtido após análise foi que apenas 5 alunos (12%) já haviam pensado em alguma estratégia de inclusão da pessoa surda nos serviços de saúde, antes de participar da criação do aplicativo, enquanto 37 alunos (88%) sequer tinham cogitado esta situação.

Foi pesquisado entre os entrevistados se eles achavam que o aplicativo criado seria útil para a comunidade surda. 28 alunos (67%) responderam que sim; 8 alunos (19%) responderam que não e 4 alunos (14%) não souberam responder. Ao final da pesquisa, 100% dos alunos afirmaram ser importante criar aplicativos para a acessibilidade de surdos em ambientes de saúde.

A porcentagem entre os alunos que afirmaram já terem tido uma reflexão acerca das barreiras na assistência em saúde encontrada pelos surdos é bem próxima ao percentual dos alunos que relataram ainda não ter pensando sobre essa questão, e, através da estratégia de criação do aplicativo, mediante as respostas do questionário, ficou evidenciado que 86% dos alunos sentiram-se motivados e interessados em pesquisar mais sobre o tema surdez e 98% deles relataram que, após a atividade, passaram a cogitar a hipótese de estudar Libras, a fim de serem capazes de prestar uma assistência inclusiva aos pacientes surdos durante o exercício de sua profissão, futuramente.



Ao final da pesquisa, buscou-se avaliar a opinião dos alunos sobre a importância da atividade desenvolvida, sendo pedido que os entrevistados atribuíssem uma nota de 0 a 10 para a atividade, onde 0 seria sem importância e 10 seria muito importante. A maior nota atribuída foi 10 e a menor nota atribuída foi 6, tendo como média total das notas atribuídas o valor igual a 9,2. Analisando as notas atribuídas pelos alunos e as suas justificativas, observou-se que a atividade foi interpretada com um grau de muita importância pelos alunos de enfermagem, porque fez com que eles refletissem sobre a importância de o profissional de enfermagem buscar capacitar-se para conseguir prestar assistência de forma inclusiva e humanizada aos pacientes surdos. Dentre alguns alunos que atribuíram nota 10, destacamos as seguintes justificativas: “pude perceber a necessidade de saber Libras do profissional de saúde para que o surdo possa ter um atendimento digno”, “é importante dar um primeiro contato sobre o assunto e descobrir a necessidade dessas pessoas”; “foi importante para a percepção da importância de saber Libras para um atendimento eficaz aos surdos”; e outro aluno justificou: “porque depois dessa atividade, despertou maior interesse em aprender Libras”.

Os participantes tiveram a oportunidade de fazer sugestões de melhoria para a dinâmica da atividade de criação do aplicativo. Algumas sugestões dadas por eles foram: ter palestras sobre o aplicativo; ter uma aula apresentando os aplicativos; desenvolver todo o aplicativo utilizando a Libras; um ensinamento prévio dos sinais para evitar os erros de sinalização; realizar uma simulação de atendimento a um surdo apresentando perguntas e respostas; a participação de um surdo na atividade; ter auxílio de algum profissional que saiba Libras, entre outros.

Foi perguntado aos alunos se a percepção/visão sobre o paciente surdo mudou, após a experiência de terem atuado na criação do aplicativo, sendo o resultado muito satisfatório e positivo, pois, 37 alunos (90%) responderam que a estratégia de criação do aplicativo os levou a ter uma mudança na percepção/visão sobre o paciente surdo; 2 alunos (5%) responderam que não e 2 alunos (5%) não responderam a esta questão.

Mais uma vez observou-se o grande impacto que a estratégia teve na sensibilização dos alunos de enfermagem, como observado nas falas destacadas a seguir: “sim, porque antes não via uma grande importância e o quanto os surdos se sentem excluídos do atendimento e esse aplicativo melhora o atendimento.”; “sim, pois agora percebo como o atendimento a esse público exige diferenciações e conhecimentos acerca de sua realidade”; “sim, antes eu não dava tanta atenção ao assunto, hoje acho bem importante”; “sim, percebi como somos totalmente incapacitados para prestar atendimento ao surdo, com isso tenho interesse em aprender o idioma de modo a poder oferecer suporte a todo tipo de público”; “sim, pude perceber que os profissionais de saúde não estão preparados para atendê-los, e isso compromete a atuação e atendimento em saúde”.

Os dois alunos (5%) que responderam “não” em relação a essa pergunta, aparentemente já se consideravam “sensibilizados” sobre essa realidade dos surdos, como reproduzido pelas falas a seguir: “não, sempre soube dessa dificuldade na acessibilidade, mas apesar de tudo o surdo é capaz de fazer tudo o que quiser”; “não, pois eu já pensava nas dificuldades enfrentadas por eles, e no quanto ainda precisamos nos adaptar”.

O desenvolvimento dessa estratégia parece ter sido eficaz para sensibilizar os alunos de enfermagem com relação às dificuldades encontradas pelos pacientes surdos no acesso aos serviços de saúde, em especial em relação à assistência em saúde prestada por enfermeiros que não têm o conhecimento ou domínio da Língua Brasileira de Sinais.

## 4 CONCLUSÃO

A partir da estratégia de criação do aplicativo, os alunos puderam conhecer um pouco sobre Libras e pensar sobre as dificuldades para um profissional de enfermagem, que não tem o domínio de Libras, estabelecer a comunicação ou conseguir transmitir informações importantes em saúde para os surdos. Isso foi fundamental para que esses alunos tivessem uma reflexão crítica e entendessem a importância do seu papel, não só profissional quanto social, em vista de um atendimento de qualidade e inclusivo ao paciente surdo. As dificuldades encontradas pelos alunos na realização dessa estratégia, principalmente em relação às dificuldades com as traduções e execuções das terminologias utilizadas na área da saúde em Libras, foi um ponto crucial, pois, mais do que apontar aos alunos que eles não tinham o domínio da língua de sinais, despertou neles a ideia e a vontade de buscar a capacitação necessária para que possam estar aptos, um dia, a atender estes pacientes.

A estratégia mostrou-se útil e eficaz para a mudança da percepção dos alunos de enfermagem sobre o atendimento aos pacientes surdos, pois, eles puderam refletir mais profundamente sobre estas questões e articular soluções com a finalidade de minimizar as consequências que a barreira linguística pode acarretar na saúde de pessoas surdas. Por fim, o estudo oportunizou trabalhar com os estudantes questões relacionadas à diversidade humana e à desigualdade no acesso à saúde, utilizando uma estratégia engajada com o contexto tecnológico vivenciado na era digital. Este estudo reforça a importância do conhecimento de Libras pelos profissionais da saúde, o que deveria ser um componente curricular obrigatório, mas que ainda é oferecido como uma disciplina eletiva nos cursos da área de saúde, contribuindo para que muitos alunos formem-se, muitas vezes, sem terem tido contato ou serem conscientizados sobre a importância da língua para a sua atuação profissional com os clientes surdos. A dinâmica da atividade proporcionou aos alunos a reflexão e o despertar, ainda no período de formação acadêmica, para a importância de buscarem a capacitação necessária para prover um atendimento digno e de qualidade para essas pessoas enquanto

futuros profissionais, prezando sempre pela humanização, inclusão e respeito aos direitos que a pessoa surda tem no acesso à saúde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L.; MORAES, A. H. C.; BRAYNER, C. S. Aplicativos de tradução de libras na construção de sentido em língua portuguesa. **II Congresso Internacional de Educação Inclusiva – II CINTEDI**. Campina Grande – PB. 2016. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV060\\_MDI\\_SA7\\_ID3827\\_13102016210635.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MDI_SA7_ID3827_13102016210635.pdf). Acesso em 12 de outubro de 2019.

ALVES, Ana Paula Pires da Silva. Libras: inclusão social na assistência de enfermagem. 2015. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Enfermagem) – Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1111370506.pdf>. Acesso em: 10 de Jul. de 2019.

BARBOZA, Clévia Fernandes Sies. Acessibilidade da comunidade surda a informações sobre doenças epidêmicas ou prevalentes no Brasil: divulgação online para proteção à saúde e cidadania. 2019. **Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde)** – Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

BARRA, D. C. C.; PAIM, S. M. S.; SASSO, G. T. M. D.; COLLA, G. W. Métodos para desenvolvimento de aplicativos móveis em saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Texto Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 4, p. 1-12, Jan. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de Setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm). Acesso em: 12 de outubro de 2019.

CHAVEIRO, N.; DUARTE, S. B. R.; FREITAS, A. R.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C.; FLECK, M. P. A. qualidade de vida dos surdos que se comunicam pela língua de sinais. **Revista Interface**, v. 18, n. 48, p. 101-114, 2014.

CORRÊA, I.; VIEIRA, M. C.; SANTAROSA, L. M. C.; BIASUZ, M. C. V. Tecnologia assistiva: a inserção de aplicativos de tradução na promoção de uma melhor comunicação entre surdos e ouvintes. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 12, n. 1, Jul. 2014.

COSTA, J. C. S.; CICCIO, N. N. T.; EMÍDIO, L. A.; FRACALANZZA, S. E. L.; WINAGRASKI, E.; RUMJANEK, V. M. B. D. Desenvolvimento e importância de um glossário Português-Libras para o ensino de microbiologia para surdos. **Revista da Sociedade Brasileira de Microbiologia**, São Paulo, v. 9, n. 34, p. 17-31, 2018.

CRUZ, P. O.; CARVALHO, T. B.; PINHEIRO, L. D. P.; GIOVANNINI, P. E.; NASCIMENTO, E. G. C.; FERNANDES, T. A. A. M. Percepção da efetividade dos métodos de ensino utilizados em um curso de medicina do nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 2, p. 40-47, 2019.

FERNANDES, J. M.; FREITAS-REIS, I. Estratégia didática inclusiva a alunos surdos para o ensino dos conceitos de balanceamento de equações químicas e de estequiometria para o ensino médio. **Química Nova na Escola**, v. 39, n. 2, p. 186–194, Mai. 2017.

Führ, R. C. Educação 4.0 e seus impactos no século XXI. **V Congresso Nacional da Educação (CONEDU)**. Olinda – PE. 2018. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EVI17\\_MD4\\_SAI9\\_ID5295\\_31082018230201.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EVI17_MD4_SAI9_ID5295_31082018230201.pdf). Acesso em: 1 de Abril de 2020.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. O Papel da universidade no contexto da política de educação inclusiva: reflexão sobre a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento. **Revista Educação Especial**, v. 23, n. 38, p. 345–356, set./dez. 2010.

LIMA, Amanda Cordeiro. Desenvolvimento de uma estratégia para sensibilização de futuros enfermeiros na perspectiva da surdez. 2019. **Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão)** – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2019.

MACIEL, C. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Cuiabá – MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.

MESQUITA, Claudiane Lima de; FERREIRA, Poliana Patricia Marques. Revisão integrativa da literatura sobre as formas de comunicação utilizadas na assistência do enfermeiro ao paciente surdo. 2013. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem)** - Faculdade Integrada de Pernambuco, Recife – PE, 2013.

MIRANDA, R. S.; SHUBERT, C. O.; MACHADO, W. C. A. A comunicação com pessoas com deficiência auditiva: uma revisão integrativa. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 6, n. 4, p. 1695 – 1706, out./dez. 2014.

MIRAILH, Sara Xavier Nunes. **Acessibilidade via game: ensino de libras através de aplicativo**. 2018. **Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão)** – Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2018.

NEVES, D. B.; FELIPE, I. M. A.; NUNES, S. P. H. Atendimento aos surdos nos serviços de saúde: acessibilidade e obstáculos. **Revista Infarma – Ciências Farmacêuticas**, v. 28, n. 3, p. 157–165, 2016. Disponível em: <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=1713&path%5B%5D=pdf>. Acesso em: 1 de Outubro de 2019.

NUNES, A. A. C. **Libras no contexto educacional: metodologias e adaptações curriculares**. Curso de Formação na Área de Educação Especial e Inclusão. Secretaria Municipal de Educação de Palmas – TO, 2013.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Estudos surdos IV**: Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. Disponível em: <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudo-Surdos-IV-SITE.pdf>. Acesso em 7 de Junho de 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

RAMOS, Maria Inês Batista Barbosa. Audiovisual em LIBRAS: os sentidos construídos por professores sobre o vídeo “sinalizando a sexualidade”. 2013. **Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde)** - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, M. A utilização do aplicativo Hand Talk para surdos como ferramenta de melhora da acessibilidade na educação. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**. Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância. 2018. Disponível em:  
<http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/918>. Acesso em: 24 de Junho de 2019.

SANCHES, I. C. B.; BISPO, L. P.; SANTOS, C. H. S.; FRANÇA, L. S.; VIEIRA, S. N. S. O papel do enfermeiro frente ao paciente surdo. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, v. 13, n. 3, p. 858–862, Mar. 2019.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Revista CEDES**, v. 26, n. 91, p. 565 – 582, mai./ago. 2005. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em: 1 de Outubro de 2019.

SILVA, P.; BASSO, N.; FERNANDES, S. A Enfermagem e a utilização da língua brasileira de sinais no atendimento ao deficiente auditivo. **Revista UNINGÁ Review**, v. 17, n. 1, p. 5 – 12, jan./mar. 2014.

## COMO CITAR ESSE ARTIGO

RIBEIRO, Priscila Leite Loiola; CASTRO, Helena Carla; ABREU, Paula Alvarez. Estratégia de ensino baseada no uso de tecnologias para sensibilização sobre a inclusão de surdos. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 178-198, Set./Dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em:  
<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9935>. Acesso em: dd mmm. aaaa.